

O NARRADOR PRESENTE EM "O OUTRO OU O OUTRO", DE JOÃO
GUIMARÃES ROSA
(THE NARRATOR PRESENT IN "O OUTRO OU O OUTRO", BY JOÃO
GUIMARÃES ROSA)

Adelaide Caramuru CÉZAR (Universidade Estadual de Londrina)
Alexandre Vilas Boas da SILVA (PG – Universidade Estadual de Londrina)
Débora Domke Ribeiro LIMA (PG – Universidade Estadual de Londrina)

ABSTRACT: *This essay aims at apprehending the dual nature of the narrator in João Guimarães Rosa's short story "O outro ou o outro" (Tutaméia: terceiras estórias, 1967): at the same time a character away from the narrated and part of it.*

KEYWORDS: *short story; narrator; characters; João Guimarães Rosa.*

"O outro ou o outro", conto presente em *Tutaméia: terceiras estórias* (1967), de João Guimarães Rosa (1908-1967), possui estrutura dúplice, conforme deixa claro o emprego da conjunção "ou", separando as duas metades idênticas do título. De um lado, situa-se um dos protagonistas, o cigano Prebixim, com sua simplicidade, sua liberdade, sua felicidade; de outro, o delegado Diógenes, tio Dô, como é denominado pelo narrador, com sua racionalidade. Entre eles está o narrador, presente na história narrada, sem, no entanto, possuir o estatuto de protagonista. Trata-se de sujeito da enunciação. Se Prebixim é o primeiro "outro" visto pelo narrador e Tio Diógenes, o segundo, o narrador apresenta-se como o "mesmo", ou seja, aquele a partir do qual os "outros", os diferentes, as minorias, são vistos.

Trata-se de personagem que relata história por ele um dia presenciada: um delegado, acompanhado de seu sobrinho, o narrador, vai a um acampamento de ciganos para averiguar a notificação de roubo supostamente praticado por estes numa localidade próxima. Lá chegando, dialoga com o cigano Prebixim que, depois de entrar em contato com seus companheiros ciganos, restitui ao delegado os objetos roubados. O delegado e seu sobrinho deixam o acampamento, o primeiro tecendo comentário sobre o vivenciado, " – 'O que este mundo é é um rosário de bolas...' " (Rosa, 1985:122¹), o narrador refletindo sobre o ocorrido, "Devia de haver mesmo um outro, o oculto, para o não-simples fato, no mundo serpenteante." (121)

O tempo do discurso é pretérito, ou seja, o que é narrado ocorreu anteriormente à efetivação da narrativa. O tempo da história, por sua vez, é bastante curto: vai da chegada do delegado e seu sobrinho ao acampamento, passando pela conversação e restituição dos objetos, e terminando com a partida dos dois: "de longe ainda olhávamos, aquelas baracas no capim da vargem" (121). Inicialmente, o narrador mostra-se preocupado com o registro objetivo daquilo que foi por ele visto. Seu procedimento é descritivo, conforme fica claro no parágrafo de abertura do conto:

¹ As demais citações desta obra serão limitadas ao número da página.

Alvas ou sujas arrumavam-se ainda na várzea as barracas, campadas na relva; diante de onde ia e vinha a curtos passos o cigano Prebixim, mão na ilharga. Devia de afinar-se por algum dom, adivinhador. Viu-nos, olhos embaraçados, um átimo. Sorria já, unindo as botas; sorriso de muita iluminação. (119)

Nota-se uma bipartição do espaço. De um lado encontra-se Prebixim inserido na natureza; de outro, aqueles que para ele olham, o narrador e seu companheiro ainda não nominado, como bem registra o emprego do pronome oblíquo na primeira pessoa do plural: “Viu-nos, olhos embaraçados, um átimo” (119). A dominância narrativa do aspecto visual é evidente. Há no conto muita luz e muita cor, estando, pois, neste aspecto, bastante próximo do universo representado: o dos ciganos.

A focalização se modifica logo no terceiro parágrafo do conto, sendo acompanhada pela modificação do pronome que deixa de estar na primeira pessoa do plural e passa a ser empregado no singular. “e era o que me atraía em Prebixim” (119). No parágrafo seguinte mais uma vez ocorre o emprego da primeira pessoa do singular, marcando o contato do narrador com o cigano: “Dissera-me” (119). A partir de então a dominância será da primeira pessoa do singular. Assim sendo, a bipartição, ainda que continue, tem agora, de um lado, o cigano e, de outro, o delegado, Tio Dô, havendo até mesmo cuidado de deixar claro que um importa ao outro, sendo aquele, o cigano, a causa da presença do segundo neste espaço aberto e este, o delegado, preocupação daquele, como revela o encontro dos três personagens, onde a saudação de Prebixim é dirigida apenas ao delegado: “- ‘Saúdes, paz, meu gajão delegado...’” (119)

1. O primeiro “outro” focalizado pelo narrador

Por quatro parágrafos consecutivos a preocupação do narrador reside na apresentação de Prebixim, o cigano. A escolha de seu nome é significativa. Segundo Nilce Sant’Anna Martins, este é o nome de “passarinho também denominado pintassilgo-da-mata, sabiatinga” (2001:395). Procurando, ainda em *O léxico em Guimarães Rosa*, “pintassilgo”, encontra-se a seguinte explicação: “Ave passeriforme de belas cores e famosa pelo canto; seu trinado assemelha-se bastante ao canário europeu.” (2001:386)

No conto rosiano, o cigano destaca-se pelas roupas coloridas que usa, “calças azuis de gorgorão, imensa cabeleira, colete verde – o verde do pimentão, o verde do papagaio” (119). O canto também se faz presente e é comum aos ciganos como um todo, conforme se lê na seguinte passagem: “*Lilalilá!* – um chamado alto de mulher, com três sílabas de oboé e uma de rouxinol” (120). Trata-se de um misto de cultura, “com três sílabas de oboé”, e de natureza livre, selvagem, “e uma de rouxinol”, sendo necessário ressaltar que a sensualidade presente no canto desta ave projeta-se nos ciganos de maneira geral. Segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, o rouxinol é “ave passeriforme, migratória, da família dos muscipídeos, encontrada na Europa, Ásia e África, cujo canto, melodioso, é emitido pelos machos especialmente à noite e durante o período reprodutivo” (2001:2479). É também através da voz que Prebixim solicita reunião entre pares para decidirem a respeito dos objetos roubados: “*Ú, ú, ú!*” (121). Cores fortes e sons são, pois, constantes na narrativa

Além de ressaltar a proximidade do personagem com aves, conotando liberdade, movimento contínuo, simplicidade no viver, o narrador cuida ainda de destacar sua especificidade a fugir do costumeiro entre os ciganos, que, normalmente, negociam animais e/ou forjam objetos de metal. Antes de chegar ao ofício real de Prebixim, que só se dará ao final do conto, há todo um percurso de negativas:

Não impingia trocas de animais, que nem o cigano Lhafofo e o cigano Busquê os que sempre expondo a basbaques a cavalhada, acolá, entre o poço do corguinho e o campo de futebol. Tampouco forjicava chalêras e tachos, qual o cigano Rulu, que em canto abrigado martelava no metalurgir. (119)

Será apenas no antepenúltimo parágrafo do conto que o ofício de Prebixim será registrado: ladrão. Efetiva-se, no entanto, tal descoberta de maneira afetiva, “ocupação peralta” (121), sendo esta a forma pela qual o personagem será sempre olhado, tanto pelo narrador quanto pelo delegado. Como em outros dois contos de *Tutaméia*: terceiras histórias nos quais ciganos se fazem presentes, “Faraó e a água do rio”, “Zingaresca”, há, por parte dos “mesmos”, das pessoas da terra, uma grande simpatia por estes nômades, representando aquele desejo de liberdade, simplicidade, felicidade que os “mesmos” trazem enraizados, embora nem sempre dele, o desejo, tenham consciência. Nos três citados contos a alteridade se efetiva, pois, através do contato com o “outro”, anseios inconscientes emergem nos “mesmos”. Se a vida deles não se modifica, tal fato ocorre por não conseguirem romper com o instituído devido ao excessivo apego a normas e valores ditados pela cultura ocidental aqui pertencem.

2. O segundo “outro” focalizado pelo narrador

Só depois da apresentação de Prebiximé que surge a vez de Tio Dô, o segundo “outro”, diferente, presente no conto. Trata-se de responsável pela ordem pública, uma vez que é delegado. Colocado lado a lado de Prebiximé, pois, pelo próprio ofício, seu contrário. O primeiro atua contra a ordem instituída, rouba; o segundo, defende-a, uma vez que deveria prender os ladrões, tarefa, no entanto, que no conto não cumpre.

O ponto de partida deste segundo “outro” é a não aceitação dos ciganos, tidos por ele como “povo à toa e matroca, sem acato a quaisquer meus, seus e nossos, impuros de mãos” (120). Dado seu ofício, está em constante contato com o mundo da violência, no conto registrado através da referência à Serra do Aço, espaço já presente em “Famigerado” (*Primeiras histórias*, 1962), de onde vem Damázio à cata do significado de palavra pronunciada por “moço do Governo” (Rosa, 2001: 58), famigerado.

Assim como o nome de Prebiximé revelador de sua especificidade, o mesmo ocorre com o nome do delegado, Diógenes, apresentado pelo narrador apenas no derradeiro parágrafo do conto: “Dizia nada, o meu tio Diógenes, de rir mais não” (122). Consultada a *Grande Enciclopédia Delta Larousse*, lá se encontrou o nome de Diógenes o Cínico (Sinope 413 a.C. - ? 327 a.C.):

É o mais célebre discípulo de Antístenes, fundador da escola cínica. A sabedoria, segundo ele, consiste em viver em conformidade com a natureza, desprezando as riquezas e as convenções sociais. Libertar-se do desejo e

reduzir as necessidades ao mínimo, eis ao que deve tender o sábio. (1970. Vol. 5: 2205)

Diante da leitura do verbete, duas colocações fazem-se necessárias: (1) Se este protagonista da ação, Diógenes, é nomeado por todo o conto apenas como Tio Dô, isto significa que é visto em sua consangüinidade com o narrador, representante do “mesmo”, conforme já foi aqui afirmado. (2) O fato de ser delegado, defensor da ordem instituída, revela que ele mesmo, ao optar por esta profissão, se situa com os “mesmos”. Assim sendo, pode-se concluir que a denominação Tio Dô, o delegado, representa o lado conhecido do protagonista. Diógenes, o cínico, só vem à luz depois do contato com Prebixim, depois da vivência do processo de sedução e fascínio, sendo revelador da especificidade inconsciente do personagem. Foi o contato com Prebixim que pôde trazer à tona desejos inconscientes. Assim sendo, o *alter* atuou diretamente na identidade do personagem.

A *Grande Enciclopédia Delta Larousse* trouxe luz sobre o entendimento do significado do nome do protagonista. Sentia-se, no entanto, que ainda faltavam informações. Foi então que se recorreu ao verbete “cínica” presente no *Dicionário de Filosofia*, de Nicola Abbagnano, onde se leu o seguinte:

A doutrina de uma das escolas socráticas e precisamente da criada por Antístenes de Atenas (séc. IV a C) no Ginásio Cinosargos. Justamente desse Ginásio os Cínicos provavelmente derivaram o seu nome; ou então, como dizem outros, derivaram-no do seu ideal de vida conforme à simplicidade (e ao descaramento) da vida canina [...] (1970: 131)

O contraste entre os nomes dos protagonistas torna-se, depois desta citação, ainda mais claro. Enquanto Prebixim significa “ave”, conotando liberdade, simplicidade, vida ao ar livre, Diógenes possui vínculos com “cão”, conotando guardião, diretamente vinculado ao trabalho deste personagem, delegado. Vera Novis, em *Tutaméia: engenho e arte*, afirma que Diógenes, o filósofo, tinha o apelido de “cão” e que esta denominação expandiu-se para os demais membros da seita, tendo sido satisfatoriamente “aceita pelos mesmos já que eles pretendiam ser ‘cães de guarda da moralidade para atemorizar os malfeitores’”. (1989: 33)

Delegado Diógenes é, pois, o cão. Cuida da ordem pública. Prebixim a desrespeita e, por isso, teme o delegado, o Tio Dô do narrador. Acontece que, em contato como cigano, Diógenes acaba por ver emergir este seu outro lado, inconsciente, de guardião da vida livre, simples, feliz. No conto, não percebendo Prebixim, revela-se cumpridor desta tarefa buscada pelos filósofos cínicos.

3. Narrador como ente capaz de constatar a ocorrência da alteridade

O narrador do conto mostra o que viu determinado dia. Não é protagonista da ação. A objetividade é buscada, uma vez que atua preferencialmente através de descrições. Descreve o espaço em que se encontram os ciganos. Descreve Prebixim. Descreve as barracas, as ciganas, os outros ciganos. Registra os sons tais quais se efetivaram, melhor dizendo, tais quais faz de conta que se efetivaram. Acontece que a

objetividade pretendida é inúmeras vezes rompida e o narrador acaba por posicionar-se diante do visto e do dito pelos demais personagens. Assim depois de Prebixim tentar explicar-lhe seu ofício, conclui: “O contrário do contrário, apenas” (119). Trata-se de leitura do discurso de Prebixim. Com esta leitura parece explicar que ele é contrário porque é cigano, ou seja, opõe-se à maioria brasileira. É ainda contrário do contrário porquẽ não atua como os demais ciganos. Não negocia animais, não lida com metais.

O olhar atento deste narrador apresenta-se sempre repleto de simpatia pelo que é visto, seja no que diz respeito a Prebixim, seja no que diz respeito a seu Tio Dô. Não aparece em momento algum nominado. Trata-se apenas do narrador a oscilar entre primeira pessoa do singular, quando fala por si, e primeira pessoa do plural, quando se soma a seu tio, o delegado. Lendo-se *Tutaméia*: terceiras estórias como um todo, pode-se chegar à conclusão de que se trata de Ladislau.

Em “Intruge-se” é ele o protagonista da ação narrativa. Em princípio, tem como profissão ser guia de gado. Atua, no entanto, neste conto, como Tio Dô em “O outro ou o outro”: deve fazer com que a justiça se cumpra. Houve entre os tropeiros um assassinato. Quer encontrar o assassino. Justifica sua postura através de suas raízes: “vinha de tio” (84). Trata-se de marca de origem apresentada com orgulho. O tio a que Ladislau se refere em “Intruge-se” é Tio Dô, Diógenes, delegado presente em “O outro ou o outro”. Está ainda presente em “Vida ensinada” e em “Zingaresca”, porém não mais como protagonista ou narrador.

Ladislau revela-se atento ao que se passa à sua volta, mostra-se competente para ler os fatos vistos e para narrá-los. Note-se a leitura do reconhecimento ocorrido entre Prebixim e Diógenes ao final do conto: “Entressorriram-se ele e tio Dô, um a par do outro, ou o que um sábio entende do outro.” (121)

Tal colocação conduz à percepção de que em “O outro ou o outro” dois sábios fazem-se presentes: (1) aquele que vive em contato com a natureza, não se importando com acumulação de bens, valorizando antes de mais nada a felicidade, Prebixim, o cigano; (2) aquele que dedica a vida à defesa da vida livre e feliz, Diógenes, o delegado-filósofo. Quem coloca lado a lado estes dois personagens, quem apresenta o confronto dos dois, registrando tal fato como “estampido de borboleta em hora de trovão” (120), ressaltando, desta forma a fragilidade da ave diante do cão ruidoso, é o narrador que se pretendia distanciado do narrado, mas que não conseguiu deixar de ser participativo diante do que foi visto e por ele relatado.

RESUMO: Este ensaio objetiva apreender a maneira de ser dúplice do narrador presente em “O outro ou o outro” (*Tutaméia*: terceiras estórias), de João Guimarães Rosa: ser distanciado do narrado e, concomitantemente, participativo no mesmo.

PALAVRAS-CHAVE: conto; narrador; personagens; João Guimarães Rosa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Tradução de Alfredo Bosi. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
Grande Enciclopédia Delta Larousse. 5º vol. Rio de Janeiro: Delta, 1970.

- HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- MARTINS, Nilce Sant'Anna. *O léxico de Guimarães Rosa*. São Paulo: EDUSP, 2001.
- NOVIS, Vera. *Tutaméia: engenho e arte*. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.
- ROSA, João Guimarães. *Tutaméia: terceiras estórias*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. 49ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.